

32 - MOREIRA CAMPOS

CADEIRA Nº 32
PATRONO: ULISSES PENNAFORT

MOREIRA CAMPOS

José Maria MOREIRA CAMPOS, filho de Francisco Gonçalves Campos e de Adélia Moreira Campos, nasceu em Senador Pompeu no dia 6 de janeiro de 1914. Passou a infância em Lavras da Mangabeira, onde fez os primeiros estudos com professores particulares. Quando se transferiu para Fortaleza, concluiu os estudos secundários no Liceu do Ceará e no Colégio São João. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará em 1946, cursando depois Letras Neolatinas na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará (1967). Foi professor de Português, Literatura e Geografia em vários colégios de Fortaleza, entre os quais a Fênix Caixeiral e a Escola de Comércio Padre Champagnat. Foi funcionário público estadual e federal, ocupando postos de direção. Professor Titular de Literatura Portuguesa do Curso de Letras do Centro de Humanidades da UFC, durante trinta anos, exerceu vários cargos administrativos, tendo sido Pró-Reitor de Graduação, Decano do Centro de Humanidades, implantador do Ciclo Básico e Chefe do Departamento de Literatura. Seu nome chegou a figurar na lista sêxtupla para a escolha de Reitor. Integrante do Grupo Clã, é membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa. Participou de encontros de escritores em outros Estados do País e em 1972 pronunciou conferências sobre Machado de Assis e Guimarães Rosa na Universidade de Colônia, Alemanha. Entre os títulos e medalhas que possui, destacam-se a Medalha do Mérito Cultural da UFC, o Diploma de Professor Emérito da mesma Universidade e a Comenda Senador Fernandes Távora da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Obras publicadas: ***Vidas Marginais*** *(1949),* ***Portas Fechadas*** *(1957),* ***As Vozes do Morto*** *(1963),* ***O Puxador de Terço*** *(1969),* ***Contos Escolhidos*** *(1971), com mais quatro edições;* ***Os Doze Parafusos*** *(1978),* ***Contos*** *(1978), seleção;* ***10 Contos Escolhidos*** *(1981),* ***A Grande Mosca no Copo de Leite*** *(1985),* ***Dizem que os Cães Vêem Coisas*** *(1987), com segunda*

edição em 1993, todos de contos, e ***Momentos*** *(1976) de poesia. A maioria de seus livros foi editada no Rio de Janeiro ou em São Paulo. O livro* ***Portas Fechadas*** *conquistou o Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, e o autor ainda recebeu em 1988 o Prêmio Calíope da IV Bienal Nestlé de Literatura Brasileira. Além de figurar em inúmeras antologias brasileiras, vários de seus contos foram traduzidos, seja para o inglês (****New Brazilian Short Stories,*** *1957), para o francês (****Conteurs Brésiliens,*** *1957), para o italiano (****Nuovi Racconti Brasiliani,*** *1958), para o alemão (****Die Reiher und Andere Brasilianische Erzahlungen,*** *1967 e* ***Die Seltsamen Bettler,*** *1975) e até para o hebraico. Freqüenta vez por outras as páginas de jornais e revistas com artigos de apreciação crítica, como "Uma Excelente Novela" (sobre* ***Dois de Ouros,*** *de Fran Martins), na revista* ***Clã*** *nº 23 (1967), "Alguns Aspectos de Guimarães Rosa", no* ***Jornal de Cultura*** *nº 1 (1980), "Um poeta Maior", no nº 9 (1982), "Autores Cearenses", n'* ***O Povo*** *de 08.07.84 e outros mais. É co-autor, com João Alfredo de Sousa Montenegro, do livro* ***Demócrito Rocha, o Poeta e o Jornalista*** *(1989). Tendo merecido palavras elogiosas de vultos exponenciais de nossas letras, como Paulo Rónai, Valdemar Cavalcânti, R. Magalhães Júnior e outros, dele disse Rachel de Queiroz: "Como prosador, poucos, neste País, terão um tal seguro domínio do idioma, um tal senso de aproveitamento de valores, prosa tão límpida, formosa e equilibrada, tanto foge à vulgaridade dos efeitos fáceis quanto aos preciosismos e invenções. Moreira Campos usa e enriquece a língua portuquesa do Brasil com sabedoria de professor e bom gosto de artista verdadeiro." Moreira Campos faleceu em Fortaleza, no dia 7 de maio de 1994.*

AS CORUJAS

Ele conversa muito consigo mesmo, repete-se, os olhos no chão e metido no dólmã de brim listrado, os pés redondos nas alpercatas de rabicho. Resmunga, insistente. Fecha as janelas do velho necrotério. Apanha os pedaços de lona e, com eles, cobre os mortos sobre as lousas. Deixa-lhes apenas os pés de fora: a mulher sem chinelos, com sangue coagulado entre os dedos abertos; as grandes botas gastas e de cadarços do alemão andarilho, que amanheceu morto no oitão do armazém da praia, onde se alojara (o enorme saco e o livro de impressões, folheado por muitos dedos, foram recolhidos à delegacia). É preciso cobrir os mortos, proteger-lhes as cabeças. As corujas descem pela clarabóia. Têm vôo brando, impressentido, num cair de asas leves, como num sopro de morte. De repente dá-se conta de sua presença, das asas de pluma, sem ruído. Alteiam-se e pousam sobre o peito dos mortos, arranhando-lhes os olhos parados, que fulgem na noite, divididos ao meio.

— Xô, praga!

Os pedaços de lona ficam dobrados a um canto da sala escura. Ele os apanha e cobre os mortos. Os pedaços de lona são sempre curtos, deixando à mostra os pés inertes. Indispensável fazê-lo. Depois fechar a luz triste da lâmpada, que desce pelo fio longo com teias de aranha. O facho da lâmpada de pilhas ainda percorre o teto de travejamento antigo. Crescem e oscilam as sombras: as botas de cadarços do alemão contra a parede — umas botas de muitas viagens. As corujas rasgam mortalha a noite toda na copa das altas árvores do terreno. O facho de luz tenta a densidade das folhas, corre cinzentos telhados, passa pela torre da capela, detém-se, ao longe, na janela de vidro do nosocômio. Em qualquer parte, na noite, estarão as corujas. Elas rasgam mortalha, agourentas, cortam o silêncio, sacudindo a vigília dos doentes. Recolhem-se, de dia, à torre da capela, onde pegam os ratos, que guincham nas suas garras. Necessário subir ate ali, desfazer-lhes os ninhos. Falará com Irmã Jacinta, diretora do nosocômio, quando ela vier para a ala dos indigentes, ativa, tilintando as chaves no bolso do hábito. Ela mandará que Antero, jardineiro, trepe à torre. Ele é moço e divertido. Torcerá o pescoço das corujas, com os

cabelos cheios de teia de aranha, e as atirará ao patio, pilheriando com as enfermeiras. É preciso exterminar as malditas, que rasgam mortalha na noite, enquanto o facho de luz as procura na sombra densa das árvores:

— Xô, praga!

Resmunga, conversa sozinho, repete-se. Torna a experimentar as trancas da janela, teima em ajeitar os pedaços de lona, que modelam saliências rígidas. O pedaço de lona do alemão ficou curto como uma camisa: têm presença maior as botas. Resmunga. Se pudesse, ele próprio poria uma tela de arame na clarabóia. Já falou a Dr. Doca, que ele trata por você, porque foram criados juntos, e um xinga o outro. O bisturi do Doca corta sem pressa, profissionalmente. Luvas ensangüentadas, bigode branco amarelecido pelo fumo, ele apanha o cigarro com a boca no cinzeiro sobre o peitoril da janela. Secciona pedaços:

— Leva o balde.

O velho o recolhe, e conversa consigo mesmo, com os seus pés redondos, com as alpercatas de rabicho, o corpo atarracado mal contido no dólmã de mescla.

Quando o homem que chegou do interior e se hospedou no quarto da pensão veio fazer velório ao corpo descarnado do filho, ele lhe deu a lâmpada de pilhas e o advertiu para as corujas. Elas desciam pela clarabóia, mesmo com a luz da lâmpada. Era preciso manter as velas acesas nos castiçais. Só assim as desgraçadas não vinham: temiam queimar as asas nas chamas. Ficavam rasgando mortalha no alto das velhas árvores ou na torre da capela. Sem a presença das velas, elas surgem sempre, impressentidas, como num sopro de morte: alteiam-se leves, pousam sobre o peito dos mortos e com o bico arranham-lhes os olhos, que fulgem parados e indefesos na noite.

De *O Puxador de Terço* (1969).

A GOTA DELIRANTE

Ele, o moço, jamais desejara tanto uma fêmea como a mulher do primo (os primos tinham sido criados juntos, ele, o moço, seria um irmão caçula). Aquelas nádegas possantes, divididas pelo

maiô, em relevo maior, agressão, quando ela se curvava para apanhar qualquer coisa ou fazia ginástica. Conscientemente provocante? A curiosidade dos homens. O marido (era engenheiro), calmo, apanhava a garrafa de cerveja no isopor à sombra da cadeira de lona. O moço não compreendia essa indiferença, tranqüilidade. Mais uma vez, a lembrança do outro, que era professor, colega dela na faculdade. Quase passavam o dia no laboratório de química. Tinham viajado juntos, com mais alguns colegas, para um congresso no sul. Mais de uma semana de ausência. Na volta, a tranqüilidade de sempre.

— Tudo bem?

— Foi ótimo! — ela disse ainda desfazendo a mala.

Não, não entendia. Aborrecia o outro e evitava-o.

A agressão das nádegas na praia. O moço, sentado na areia, sentia novamente o calção umedecer-se, molhar-se, num início de gozo, a gota delirante.

Estava na casa do primo não havia muito tempo. Transferido para a agência bancária, faria o último ano de Direito. No quarto dos fundos, mentalmente levava-a para a sua cama de solteiro ou mesmo para a cama dela. O marido viajara (construía estradas no Interior). Ela, só e tão próxima, a poucos passos! As coxas portentosas, abauladas, por onde ele insinuaria a mão grande, mas branda, macia e inventiva. O supremo bem de poder desnudá-la, tirar-lhe o *baby-doll* tantas vezes entrevisto e exasperante. Pagaria a penetracão com a própria vida, se necessário:

— Pagaria, sim...

Falou alto, e surpreendeu-se. Inútil também a leitura do livro de Direito. Ela estava nas páginas, embaralhava-se, escanchava-se (era bem o termo) nas letras. Seria mais fantasia sua, a intimidade de casa, cúmplice? As coxas fortes já apresentavam celulite, o começo de rugas no canto dos olhos, quando ria. Não, não! Tudo se exacerbara quando, de passagem pelo corredor, a porta do banheiro entreaberta, a surpreendera grandemente nua, com aquelas forças todas reunidas de uma só vez. Ela propriamente não se assustou. Apenas deu um gritinho muito feminino, vedando o sexo com as mãos:

— Ai!

O sexo era farto, visto assim de frente e agora para sempre grudado aos seus olhos. Quase chegava a apalpá-lo, senti-lo na mão, na mão cheia. Um abismo que lhe dava grandes silêncios,

como neste instante na sua cama de solteiro. Revolvia-se, fofando, mudando a posicão do travesseiro, insone. Voltou a acender a lâmpada na mesinha de cabeceira. Tentou mais uma vez o livro, que tinha prova daí a dois dias. O sexo, ela toda, se enleava, se escanchava (era bem o termo) entre as letras, o começo, o meio e o fim do capítulo não assimilado. Ela, tão próxima, só no quarto! A porta do banheiro teria sido deixada entreaberta de propósito? Porque não se surpreendera. Soltara apenas o gritinho muito feminino, vedara-se, rindo. Ele, estático, parado, hipnotizado, na porta do banheiro. Depois, ela passaria por ele com aquele olhar rápido, que escorregava pelo chão.

O velho relógio de parede, lá na sala, teve um gemido de ferros e deu duas horas.

Adormeceu.

Despertava para o suplício, como nas manhãs em que ela achava de atirar sobre o corpo o vestido fino, transparente, meio gasto, a calcinha de rendas visível e desesperadora, ele à sua frente ali no corredor. Mais provocações? Voltava a rir-lhe, de passagem, os olhos no chão. Tinha a consciência de que os olhos dele a trespassavam, acabavam de desnudá-la.

Ao entrar no banheiro, novamente sentia os pêlos da coxa forte e cabeluda grudados pelo sêmen, o quase orgasmo, a gota delirante. Doía até despregá-los, valia-se do sabonete. Insistia a idéia de mudar-se para uma pensão.

Logo mais ela iria para a faculdade no carro. O marido sairia para a sua empresa de construção, deixando o filho no colégio, e ele, o moço, aproveitava a carona. A casa praticamente vazia.

Apenas a mãe dela, com o seu croché ou as palavras cruzadas, à luz da janela, a empregada e o rádio de pilhas sobre a geladeira.

O marido viajara mais uma vez. A empregada já se recolhera, após a segunda telenovela. A velha, também. Ela despertou o filho adormecido no divã e o encaminhou para a cama no quarto da avó. Na poltrona, apenas ele, o moço. Diminuiu o volume da televisão, quase inaudível. Idéia de que ela viria naquela noite. Os olhos consultavam o corredor. E ela apareceu, na leveza desesperadora do *baby-doll.* Nada de televisão, somente a imagem na tela. Silêncio. A cadeira dela oscilava branda. A inutilidade da imagem no vídeo. Ela mesma se levantou contra a luz para fechar o aparelho (que coxas, meu Deus!). Chegou a pedir silêncio, levando

o dedo aos lábios, porque ele fizera rumor ao erguer-se da poltrona:

— Psiu...

Iam pelo corredor. Quis pegá-la decididamente pelo braço. Ela se antecipou, segurando-lhe com energia a mão. Dirigiram-se ao próprio quarto do moço, que teve necessidade de apanhar a toalha de banho ainda úmida atirada em bolo sobre a cama. Posse desesperada, profunda, a loucura, o sexo confundido com a própria morte.

— Me mate! — ela dizia.

Restou exausto, esvaziado, sugado até a última gota. Talvez ela o esperasse também havia muito. Porque ainda o apertava com força nos braços e ele sentia nas costas moças e largas a ponta de suas unhas esmaltadas.

De *Dizem que os Cães Vêem Coisas*, 2ª ed. (1993).